



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## A ESCOLA NUM CONTEXTO DE MULTIDÃO E MULTIPLICIDADE

Autor: Josias Silvano de Barros  
*Universidade Estadual da Paraíba*  
*barrosjosias@yahoo.com.br*

Orientador: Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino  
*Universidade Estadual da Paraíba*  
*lucianobjustino@hotmail.com*

**Resumo:** A escola atual está convidada a lidar com a pluralidade de culturas e de sujeitos. Ela deve abrir espaços para a diferença, para o cruzamento de culturas, para os diversos personagens sociais, e oferecer uma educação que propicie a reflexão sobre as conexões plurais e as relações de poder no processo de hierarquização social. Assim, este artigo busca refletir sobre a Escola, num contexto de multidão e multiplicidade, enquanto espaço de inclusão capaz de potencializar os sujeitos socialmente segregados (a exemplo dos negros, homossexuais, camponeses e pobres). Trata-se, de uma pesquisa bibliográfica-documental, à luz da literatura da metodologia científica. Por base teórica, destaca-se o termo “multidão”, para estabelecer um elo entre sujeitos socialmente excluídos e escola – território que demarca os indivíduos e os grupos sociais –, ao passo que a discussão se embasa no conceito de rizoma para expandir a discussão em relação à cultura na contemporaneidade. A pesquisa aponta para a necessidade de uma escola que privilegie o ser humano em sua singularidade e multiplicidade. No caso, torna-se profícua a (re)construção de novos sentidos para uma escola multifacetada, de convergências e divergências, de ambiguidades e incertezas, de identidade-relação.

Palavras-chave: Escola, Multidão, Multiplicidade, Personagens Sociais.

### Introdução

Nos últimos anos, a escola atravessa uma crise generalizada que emergem novos paradigmas. Segundo Candau (2014), estes paradigmas são tanto político-social, como científico, cultural e ético. Neste caso, almeja-se uma ressignificação de sentido da educação que possibilite atender a complexidade das sociedades multiculturais e desiguais em que vivemos; não de um modelo monocultural de escola, voltado a concepções únicas, de anulação das diferenças entre os sujeitos.

A posição da autora, na abordagem de reinvenção da escola atual, pós-moderna, com influências plurais, nos parece significativa. Neste sentido, pensamos numa escola para a multidão. A Multidão é aqui entendida como um conjunto de multiplicidade que constitui singularidades irreduzíveis. Ela não pode ser confundida com o povo – ligado ao Estado-nação – e nem com a massa – uniformidade, neutralização das diferenças. A multidão é um novo



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

agente e/ou sujeito coletivo que age em aceitação das diferenças internas. Para Hardat e Negri (2014), ela está engajada na produção de diferenças, invenções e modos de vida. Deve, assim, ocasionar uma explosão de singularidades. Essas singularidades são conectadas e coordenadas de acordo com um processo constitutivo sempre reiterado e aberto.

Neste caso, surge a emergência de uma educação pensada para os diversos sujeitos para atender aos interesses complexos da sociedade, isso por meio da quebra do modelo educacional tradicional, entre o uno e o múltiplo, que pressupõe uma escola cujo ensino seja pautado nos devires. Segundo Deleuze e Guattari (1995), estes devires são entendidos como geografias, orientações, direções e saídas. Ou seja, não atingir formas. Pois uma linha de devir só tem meio, não tem início nem fim. É a velocidade e o movimento. É possibilitar a construção de condições de exercitar as potências.

De acordo com Moreira e Candau (2003), verificamos que a escola atual está convidada a lidar com a pluralidade de cultura e de sujeitos. Ela deve abrir espaços para a diferença, para o cruzamento de culturas, para os diversos personagens sociais, e oferecer uma educação que propicie a reflexão sobre as conexões culturais e as relações de poder no processo de hierarquização social. Ou seja: ancorar novos olhares, novas leituras, sem menosprezar e/ou exaltar o diferente, o distinto. Não olhar o subalternizado como o outro, mas como o Nós, para não reforçar a representação de estereótipos sociais no espaço escolar.

É pertinente salientar que a escola, embora que de forma sutil, acaba por demarcar ainda mais os espaços de gênero, sexualidade, nação, raça e identidades. E se o discurso que rege a educação contemporânea se baseia na flexibilidade de conteúdos e/ou aberturas a cotidianidade, é preciso, então, começar a questionar/confrontar as “verdades” historicamente constituídas.

Não pretendemos, aqui, compelir a escola como redentora dos conflitos sociais, pois, acreditamos que, sozinha, ela não soluciona as mazelas sócio/espaciais do nosso cotidiano, uma vez que os conflitos estão enraizados na construção sócio/histórica no país. Todavia, consideramos que a escola é o lugar de destaque para a intervenção no modo de segregação das categorias sociais fora das normalidades dominantes, constantes no cenário da sociedade em tempos hodiernos.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A educação vive um tempo de grandes incertezas e de muitas perplexidades. Sentimos a necessidade da mudança, mas nem sempre conseguimos definir-lhe o rumo. Há um *excesso de discursos*, redundantemente e repetitivos, que se traduz numa *pobreza de práticas* (NÓVOA, 2009, p. 27).

Seguindo os ideais do autor acima, consideramos que se partirmos do pressuposto de que estamos no século XXI, com um modelo educacional característico do século XX, centrados na escola obrigatória, constituída como uma instituição central na afirmação do Estado-nação, perceberemos que a educação com escolas “diferentes” deve se apresentar como modelo que atenda aos anseios da diversidade de sujeitos. Assim, o espaço escolar precisa apresentar-se como lugar de partilha para a construção de práticas de vida comum.

“A abertura à diferença deve, também, traduzir-se numa maior liberdade de escolha dos estabelecimentos de ensino. As famílias e os alunos devem poder escolher a sua escola e, simultaneamente, participar na definição do seu projeto educativo” (NÓVOA, 2009, p. 85). O autor quer dizer com isso que os alunos podem escolher a sua escola, mas as escolas não podem escolher os seus alunos. “As escolas não devem usar esta liberdade para selecionar socialmente os seus alunos, introduzindo fatores de discriminação e de desigualdade no acesso ao serviço público de educação” (Ibid: 86).

Portanto, considerando tal contexto apresentado, face ao papel da escola na contemporaneidade, surge a seguinte indagação: como a Escola, no contexto da multidão e da multiplicidade, pode contribuir com uma proposta pedagógica em que os sujeitos socialmente excluídos, a exemplo dos negros, homossexuais, camponeses e pobres, sejam retirados da condição de vítimas e compreendidos como potência?

Para responder a esta questão, buscamos refletir sobre um modelo educacional em que a escola seja capaz de incluir, e ao mesmo tempo potencializar, os sujeitos socialmente segregados, numa sociedade radicalmente excludente. Para tanto, buscamos averiguar como a escola, em meio a uma concepção plural, pode ser mediadora de uma proposta pedagógica capaz de dar conta das singularidades dos sujeitos quase sempre excluídos ou silenciados, ao mesmo tempo em que procuramos problematizar um modelo de escola e de sociedade com concepções potencialmente integrantes a partir da noção de multidão.



Por este viés de reflexão, enfatizamos que a escolha desta temática não foi aleatória. A nosso entender, justifica-se por compreender que o devir contemporâneo sinaliza a urgência de uma educação que problematize os ditames escolares que, quase sempre, moldam os sujeitos e silenciam os saberes divergentes e a polifonia que perpassa o ambiente da escola. Não se trata, pois, de relegar a educação em seus diversos aspectos organizacionais, mas de buscar elos que permitam ultrapassar uma visão reducionista (institucionalizada) deste modelo conservador de educação formal.

Numa esfera mais ampla, acreditamos que alguns sujeitos sociais como homossexuais, negros, camponeses, dentre outros segmentos silenciados socialmente, não se sentem representados na escola. Entretanto, para nós, estes personagens configuram mananciais de potência diante da ideia de multidão. E o contexto da multiplicidade é uma das formas potenciais de desenvolver um modelo de escola que dê sentido a estes atores sociais.

## **Metodologia**

Nossa pesquisa<sup>1</sup> é de abordagem bibliográfica (à luz da literatura da metodologia científica), visto que devemos identificar informações e selecionar as fontes pertinentes ao tema estudado para proceder às respectivas anotações das referências utilizadas. A partir daí, a leitura científica dar-se no sentido de estabelecer uma fonte geradora de comunicação. Pois, pesquisa bibliográfica,

Num sentido restrito, é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMPF, 2005, p. 51).

Como aporte para a construção textual, utilizamos leituras, comparação e interpretação de textos de livros e artigos científicos, tanto de materiais impresso quanto de materiais digitais. Neste caso, tomamos como base teórica a noção de “multidão”, reeditado por Hardat e Negri, para estabelecer um elo entre potencialidades de sujeitos diversos (excluídos em termos sociais e econômicos) e escola (espaço de reflexão e acolhimento das diferenças), de

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte de um recorte do nosso texto de dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, da Universidade Estadual da Paraíba.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

modo a refletir como os personagens sociais podem ser retirados da condição de vítimas e ser compreendidos como potência de multidão. Ao passo que abordamos o conceito de rizoma, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, para abrir mais a discussão em relação à cultura rizomática que compõe a sociedade contemporânea e, por extensão, as complexas relações culturais que permeiam o espaço da escola.

É pertinente destacar que, no que se refere às discussões sobre a escola e suas multiplicidades, nos respaldamos em Vera Candau, Pierre Bourdieu, António Nóvoa, António Moreira, Edgar Morin, dentre outros teóricos, para discutirmos o ambiente escolar, enquanto território que demarca os indivíduos e os grupos sociais.

### **Resultados e discussões: a escola enquanto espaço de dimensões multitudinais**

A escola atual tem, dentre outras funções, o papel de constituir espaços que reflitam as relações de poder que mediam as sociedades e, conseqüentemente, os sujeitos. Nesta conjuntura de institucionalização da cultura hegemônica, ela até procura assimilar os grupos marginalizados e discriminados no contexto da sociedade integradora e de política de inclusão. Porém, estes grupos precisam desnudar-se de suas culturas, e despir-se, pois a como diz Candau (2014, p. 37):

A escola não se coloca em questão a matriz estrutural da sociedade. Procura-se assimilar os grupos marginalizados e discriminados aos valores e conhecimentos socialmente valorizados pela cultura hegemônica. No caso da educação, promove-se uma política de universalização da escolarização. Todos são chamados a participar do sistema escolar, mas sem que se problematize o caráter monocultural presente na sua dinâmica, tanto no que se refere aos conteúdos do currículo quanto às relações entre os diferentes atores, às estratégias utilizadas nas salas de aula, aos valores privilegiados etc.

Para que esta “abertura” aconteça, segundo Moreira, é relevante as iniciativas de grupos de professores ou de associações pedagógicas. Pois, a escola contemporânea requer professores abertos à pluralidade cultural, étnica e de gêneros, e menos sintonizados com os padrões dominantes. No entanto, é importante frisar que o Estado, com seus manuais educacionais, até busca traçar estratégias para atender uma educação voltada à cidadania, à



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

democracia, e as diferenças, porém, “no contexto em que vêm sendo empregados, tais termos tendem a assumir conotações mais ligadas à eficiência e à produtividade que ao fortalecimento do poder dos alunos das camadas populares” (MOREIRA, 2001, p. 11).

Considerar o caráter multicultural da sociedade no âmbito escolar é também compreender o caráter histórico, cultural e pedagógico, com base maior a conjugação de diferenças e igualdade como valores indissociáveis que avança em relação à ideia de equidade. Sendo assim, se faz profícuo ampliar o debate sobre a necessidade de uma “renovação educacional” que esteja atenta às aclamações da multidão e que corresponda à perspectiva multiculturalista.

O enquadramento educacional uniforme, engessado, fica inócuo para atender as demandas do contexto da multiplicidade, das itinerâncias, das singularidades, de todo jovem na condição de estudante, considerando o fato de que há milhões deles de todo jeito e em toda parte num modelo cultural fluido.

Questionar a cultura exige, portanto, a extrapolação da ordem binária, que explica o mundo pelas oposições consciente-inconsciente, voz-escrita, história-natureza, masculino-feminino, corpo-alma que têm marcado tanto o racional quanto o imaginário ocidental. O importante seria romper com o maniqueísmo atávico dessas dicotomias para ver a potência de algo novo, mais libertário e quem sabe “mais saudável” (em oposição à saúde dominante que elegeu determinadas força física, beleza, cor e sexualidade como padrão de saúde) tanto para o indivíduo quanto para as relações que quisesse estabelecer (ABRAMOWICZ, 2013, p. 10).

Na trilha dessas palavras, entendemos que no processo educativo o indivíduo é elemento central da instituição escola. Por isso, existe a necessidade de um educar politizado, um educar para a multidão. Devemos lembrar que a multidão é um projeto de organização política, e “só pode ser concretizado mediante práticas políticas. Ninguém fica necessariamente excluído, mas a inclusão não é garantida. A expansão do comum é uma questão prática e política” (HARDAT; NEGRI, 2014, p. 289).

No contexto cultural atual, a dispersão (des)organiza a vida das pessoas. A escola pode tornar-se o espaço privilegiado para a integração de modo que se construa/produza conhecimentos diante de contextos colaborativos de aprendizagem. Neste caso, os sujeitos





## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

podem participar e intervir no mundo de forma criativa, enquanto agentes de possibilidades de ação. E isso só é possível com investimentos na diversidade, na multiplicidade, e não na uniformidade. Pois a diferença já se encontra no sujeito, o que faz dele uma potência política.

A educação para a multidão propicia um ambiente plural e possibilita retirar os sujeitos/alunos do lugar desviante, estranho, do feio, da alienação e recolocar na multidão, onde a paisagem é indefinida, mutável. Ou seja, uma educação que atravesse padrões estéticos que se convergem em modelos uniformes: de família, de igreja, de casal, de povo. As histórias não precisam ter, necessariamente, final feliz, todavia, desfechos que se verifiquem uma atuação social ativa.

Em oposição a abordagens solidárias, compartimentadas e repetitivas, descomprometidas com o cotidiano e a formação do aluno, o engajamento do ensino na concepção da multidão revela a preocupação com quem e para quem se aprende, com a formação de seus conhecimentos e atitudes para responder e/ou problematizar questões ligadas ao mundo atual. No caso, a escola desencadeia o papel de propiciar um ensino significativo e articulado favorecendo o (re)conhecimento do mundo por meio de uma leitura mais complexa, definida por saberes construídos nas relações multitudinárias, na multiplicidade de olhares.

É preciso, desde já, repensar uma educação que busque dar voz aos sujeitos para se reconhecerem enquanto singularidades na multiplicidade. Uma educação para todos experimentarem uma prática educativa sem impedir os devires. Onde a escola passe a ser um espaço de acolhida, de novas propostas e tentativas de ampliar o conhecimento a partir da complexidade das realidades em que os alunos se encontram. Ressaltamos que não buscamos uma escola utópica, mas uma educação com sentido, que busque atender aquilo que somos capazes de produzir, que busque em cada sujeito suas potencialidades, seu poder de vida.

Muitas inovações vêm acompanhadas da desqualificação do saber docente e de um balanço do fracasso de uma escola apontada como em crise, ao mesmo tempo que inúmeras redes afirmadas pelos tantos sujeitos que estão na escola vão organizando múltiplas redes de sentido na escola, pela ação cotidiana destes sujeitos ali dentro (ALVES; GARCIA, 2002, p. 14).



O desenvolvimento de uma educação que condiz com o contexto contemporâneo requer o rompimento da escola que conhecemos, convertida num jogo de hierarquizações de saberes e de políticas de acordo com a conjuntura uno da globalização. De acordo com Santos (2000), as tentativas de construção de um mundo sempre direcionaram a conflitos porque se tem buscado unificar e não unir. Em vez de reconhecer a diversidade, tenta-se infundir uma homogeneidade, seja cultural, econômica ou política. Neste sentido, alertamos ao fato de que professores e alunos estão imersos no ambiente globalizado que desenvolve relações imediatistas, passageiras, líquidas e fragilizadas. Assim, não podemos pensar num ensino que desconsidere a intervenção do sujeito em sua cultura, em suas vivências, em seu lugar-social, seja no papel da “contra-cultura” ou, como diz Canclini (2008), no papel da reconversão.

À luz de tais posicionamentos, é válido propiciar discussões em torno da prática escolar, partindo de uma realidade diversa. E, também, buscar compreender possibilidades metodologias que atendam aos modelos culturais contemporâneos, como, por exemplo, com as possibilidades pedagógicas decorrentes de uma leitura crítico/analítica dos diferentes personagens que compõem a multidão.

### **Considerações Finais**

Ao propomos uma Escola para a multidão e para a multiplicidade devemos partir de uma educação intrinsecamente relacionada ao contexto cultural, das diferenças, das singularidades e dos objetivos comuns. Uma escola que não silencie as diferenças, não as neutralize. “Não há educação que não esteja imersa nas culturas da humanidade, do momento histórico e do contexto em que se situa. Não é possível conceber uma experiência pedagógica “desculturizada”, isto é, em que nenhum traço cultural específico a configure.” (CANDAU, 2014, p. 36) [*grifo nosso*].

A partir desta conjuntura, acenamos para a necessidade de uma escola que privilegie o ser humano em sua pluralidade, com saberes que se entrelacem em rede de conectividade, possibilitando a valorização de diferentes personagens e cenários que compõe a cotidianidade dos alunos/as. Sendo assim, torna-se profícuo a (re)construção de novos sentidos para uma





## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

escola multifacetada, de convergências e divergências, de ambiguidades e incertezas, de identidade-relação.

Dito de outra forma, não é o que falta inventar, ou descobrir, mas o indizível da totalidade. O dar voz aos sujeitos/alunos para se promover uma concepção de educação mais flexível, mediante as diversidades sócio/espaciais. Afinal, Educação não se refere a experiências mecânicas de memorização normativa de saberes, “mas a trocas interativas e atitudes reconstrutivas de aprendizagem para a vida. Implica formularmos conceitos indisciplinados e indisciplinados, que nos encorajem a transpor os espaços legitimados e instituídos de circulação de saberes.” (ASSIS, NASCIMENTO, FECHINE, 2013, p. 70).

Entendemos que se trata de uma aposta educacional de relações e possibilidades de aprendizagem que pode se materializar no espaço escolar ao passo que for de encontro com a linguagem, a geografia, a história, a filosofia, a sociologia, a comunicação com os diferentes e com o cotidiano real, e não somente se limitar aos “confortáveis manuais didáticos”, nos dizeres de cunho pedagógicos tidos como autorizados e competentes. Mas de “uma aprendizagem capaz de gerar vivências efetivas, migrações de pensamentos, inteligências compartilhadas, recriações, subjetividades; uma aprendizagem dos nexos e das relações, realizadas ‘por’ e ‘com’ seres humanos” (ASSIS, NASCIMENTO, FECHINE, 2013, p. 70).

É relevante enfatizar que a instituição escola é diretamente atingida e perpassada por identidades híbridas. Mas ela ainda se nega a aceitar a presença multitudinária em seu espaço. Por isso, apontamos para uma educação voltada para a complexidade sociocultural, já que identificamos, numa esfera mais próxima, um modelo de escola que não tem representabilidade para negros, homossexuais e camponeses, dentre outros segmentos sociais.

Acreditamos, portanto, que no cenário educacional pós-moderno, a escola deve propiciar meios de transcendência humanista para que se possam criar e recriar sentidos, em sua complexidade, para reconhecer os valores dos diversos sujeitos em seus respectivos lugares-sociais. A análise sócio/cultural do sujeito deve ser refletida numa perspectiva transdisciplinar, o que possibilita ao professor um olhar diferenciado frente à hibridização cultural que perpassa o espaço da escola.



Discutir a educação nesta perspectiva é abrir novos horizontes que possibilitem problematizar uma educação voltada às demandas contemporâneas de singularidades e multiplicidades de minorias e/ou majorias socialmente atuantes. Afinal, “a brutalidade manifesta de certas qualificações – que seriam excluídas do uso ordinário onde ‘servil’, por exemplo, cede lugar a ‘humilde’ (os humildes) ou o ‘modesto’ (as pessoas ‘modestas’) – não se deve enganar” (BOURBIEU, 2013, p. 219). Sendo assim, a escola se torna um espaço de ficção onde o julgamento é aplicado a um trabalho, e não ao seu autor. E nossa proposta busca, justamente, reconhecer os sujeitos em suas complexas relações sociais, entendendo-os como potência integradora e não vítimas de um sistema.

Ao passo que pensamos a educação como instrumento de transformação social, consideramos que o ponto de partida é uma escola que forme seus sujeitos politizados. E quando a escola se limita a transferência hegemônica do saber, “tende a não realizar as alianças necessárias, restringindo-se ao teor normativo da aprendizagem. Uma sociedade aprendente, ao contrário, não trivializa o saber, porque desenvolve um aprender renovável e renovado” (ASSIS, NASCIMENTO, FECHINE, 2013, p. 90).

Cabe, então, dizer que, em se tratando de uma educação para a multidão, uma das questões fundamentais de ser abordada no cotidiano escolar diz respeito ao contexto que envolve grupos minoritários, silenciados ou não, como os negros, os homossexuais, o subalterno, assim como as questões de gênero. Para tanto, nos respaldamos em teóricos contemporâneos, tanto das discussões sobre educação quanto da ideia de da multidão, para identificarmos o modo pelo qual os atores sociais marginalizados são apresentados e/ou representados nas narrativas cotidianas para, então, lançarmos um novo olhar educacional que possibilite uma proposta de intervenção direcionada a outros alhures, e contrastando com o modelo de sociedade conservadora e radicalmente fundamentalista que atinge a escola.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. **O debate sobre a infância e a educação infantil na perspectiva da diferença e da multidão**. 2013. <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT07-2911--Int.pdf>. Data de acesso: 18 de julho de 2015.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ASSIS, Cássia; NASCIMENTO, Robéria; FECHINE, Ingrid. **Tecendo fios de saberes convergentes**: escrita, educação e memória. Campina Grande/PB: EDUEP, 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. 14ª edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

CANDAU, Vera Maria. **Ser professor/a hoje**: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. Revista Educação: Porto Alegre, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs** - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1 / 2ª edição. Ed. 34. Rio de Janeiro, 1995.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: editora da universidade de São Paulo, 2008.

GARCIA, Regina Leite. Para começo de conversa. *In*: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. **O sentido da escola** (orgs.) 3. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão** – Guerra e democracia na era do Império. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.

LEITE, Francisco Tarcísio. **Metodologia Científica**: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2008.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Currículo, cultura e formação de professores**. Revista Educar, Curitiba/PR, 2001.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Educação escolar e cultura(s)**: construindo caminhos. Revista Brasileira de Educação: 2003.

MORIN, Edgar. **“Complexidade e liberdade”**. Ensaios THOT, Associação Palas Athena, São Paulo, n. 67, pp. 12-19, 1998.  
<http://www.teoriadacomplexidade.com.br/textos/teoriadacomplexidade/Complexidade-e-Liberdade.pdf>. Data de acesso: 18 de julho de 2015.

NÓVOA, António. **Professores**: Imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

SEVERINO Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

STUMPF, Ida Regina C. **Pesquisa bibliográfica** in: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (orgs.) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. Ed. Atlas: São Paulo, 2005.